



IACÁ:

Artes da Cena

ISSN 2595-2781

TEATRO DO OPRIMIDO E CULTURA DE PAZ NA CIDADE DO POVO

Valdelei Oliveira da Silva

Flávio da Conceição

TEATRO DO OPRIMIDO E CULTURA DE PAZ NA CIDADE DO POVO

THEATRE OF THE OPPRESSED AND A CULTURE OF PEACE IN CIDADE DO POVO

Valdelei Oliveira da Silva

valdeleioliveira632@gmail.com

Universidade Federal do Acre (UFAC)

Flávio da Conceição

flaviosdaconceicao@gmail.com

Universidade Federal do Acre (UFAC)

Resumo: Este trabalho busca investigar como o racismo e outras opressões sociais se manifestam na comunidade Cidade do Povo, através dos jogos do Teatro do Oprimido, procurando quebrar ciclos de opressão e violência, que se reproduzem, apresentando a Cultura de Paz e o ativismo não violento como estratégia de enfrentamento. O objetivo deste trabalho é analisar a oficina de Teatro do Oprimido, realizada pelo GESTO da Floresta e saber se a temática do racismo aparece através dos jogos de Teatro do Oprimido, para os adolescentes da Cidade do Povo, ou qual opressão social se manifesta. A metodologia deste trabalho tem como base Augusto Boal, criador do Teatro do Oprimido. Tendo como referência teórica: Boal (2009), Hooks (2020), Orlick (1978), Conceição (2022), Boff (1998). Mediante a análise da oficina nota-se a relevância de projetos de extensão e pesquisas para a transformação social, por meio da arte e educação para as novas gerações.

Palavras-chave: Teatro do Oprimido, Racismo, GESTO da Floresta.

Abstract: This work seeks to investigate how racism and other social oppressions manifest themselves in the Cidade do Povo community through Theater of the Oppressed games. This work seeks to break self-reproducing cycles of oppression and violence, presenting a Culture of Peace and nonviolent activism as a coping strategy. The objective of this work is to analyze the Theater of the Oppressed workshop held by GESTO da Floresta and to determine whether the theme of racism emerges through the Theater of the Oppressed games for the adolescents of Cidade do Povo, or what social oppression manifests itself. The methodology of this work is based on Augusto Boal, creator of Theater of the Oppressed. The theoretical framework for this work is Boal (2009), Hooks (2020), Orlick (1978), Conceição (2022), and Boff (1998). Through the analysis of the workshop, the relevance of outreach projects and research for social transformation through art and education for new generations is evident.

Keywords: Theater of the Oppressed, Racism, GESTO da Floresta.

Introdução:

O trabalho em discussão tem como foco atuar de forma positiva, possibilitando o desenvolvimento pessoal e crítico, através do estudo teórico e prático do Teatro do Oprimido e jogos colaborativos, da Cultura de Paz e ativismo não-violento. O desejo da realização deste trabalho parte primeiramente, de um graduando do curso de ABI-Teatro, o qual nasceu e criou-se em uma comunidade periférica, na qual o consumo, a comercialização de drogas e a violência fazem parte da realidade do seu cotidiano. Nesse ambiente, observou-se que havia escassez de espaços de lazer, esporte e cultura, tendo como única opção uma quadra esportiva, mas que era dominada por traficantes, os quais muitas vezes usavam entorpecentes, seduziam e aliciavam crianças e adolescentes para usarem drogas e cometer outras práticas ilícitas.

Sou o pesquisador Valdelei Oliveira da Silva, homem preto, cabelo crespo, 29 anos, morador da comunidade Cidade do Povo. Antes de morar neste bairro periférico, residia em outro, cuja a realidade de muitas crianças e adolescentes eram de situações de vulnerabilidade social, bem parecidas com as da Cidade do Povo.

Sofri inúmeros episódios de racismo quando pequeno, estudei no ensino infantil, e lá os colegas da turma me chamavam de picolé de asfalto, cabelo de bombрил, neguin, entre outros termos pejorativos. Na adolescência esses atos foram diminuindo aos poucos, por parte dos colegas, porém nas ruas do Taquari, os ataques vinham de outras pessoas. Aliás, de uma instituição a qual o *slogan* em suas viaturas tem a seguinte frase: “servir e proteger”. Mas a quem eles protegem? Pois, quando entravam na periferia com armas em punho, já consideravam como suspeito qualquer adolescente ou jovem negro. Tendo em vista que, eu por várias vezes, passei por episódios em que policiais armados me abordaram com uma arma na cabeça, como se eu fosse um criminoso, sendo xingado, ameaçado e espancado.

Desse modo, ao ser indagado sobre o que me interessava falar e fazer dentro de um projeto de pesquisa, surgiu a ideia de falar dessa opressão social, que assim como eu, muitas pessoas sofrem. Portanto, este trabalho tem como objetivo analisar as oficinas de Teatro do Oprimido, realizada pelo GESTO (Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido) da Floresta, para observar e refletir quais opressões se manifestaram através dos jogos do Teatro do Oprimido, e como os

adolescentes e jovens do conjunto habitacional Cidade do Povo questionam essas opressões vivenciadas e a relação entre oprimido/opressor, desprendendo-se da linguagem verbal como único recurso expressivo, usando o corpo e agindo cenicamente através dos jogos e exercícios. Além disso, para quebrar esse ciclo de opressão e espirais de violência, uma das estratégias que se faz necessária é falar de amor, paz e dizer não ao ativismo violento e ao discurso de ódio.

Este trabalho se justifica no atual cenário da cidade de Rio Branco - Acre, que tem experimentado um aumento exacerbado da violência, o qual de acordo com dados de uma pesquisa realizada pelo “Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) com 120 municípios mais violentos, Rio Branco ocupa o primeiro lugar no *ranking* a nível nacional” (Ferreira, 2019).

Similarmente, segundo o IPEA, que elabora anualmente o Atlas da Violência no Brasil, o principal motivo do aumento da criminalidade é a guerra entre facções criminosas por disputa de território:

O crescimento da violência letal no Acre, segundo [o pesquisador] Colombo Junior e também o Ministério Público do Estado do Acre (MPAC) está intimamente associado à guerra por novas rotas do narcotráfico que saem do Peru e da Bolívia e que envolve três facções criminosas, o PCC, o CV e o Bonde dos 13 (B13). O MPAC mapeou mais de 10 rotas, a maioria delas perto da fronteira com o Peru, onde a droga é transportada por via fluvial e depois terrestre (pela BR-364), até chegar ao Rio Branco, onde nos bairros da periferia se travam as batalhas com maior número de vítimas pelo comando do tráfico na região (Ferreira, 2019).

Entre tais vítimas, encontra-se um grande número de jovens, que aderem ao tráfico e têm muitas vezes um final trágico por conta desse envolvimento. Os jovens de comunidades pobres muitas vezes se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica por viverem na ociosidade e por não terem “espelho” de pessoas que conseguiram vencer através dos estudos e um trabalho que satisfizesse suas necessidades. São facilmente atraídos e aliciados por bandidos mais experientes que os induzem a entrar para o mundo da criminalidade. Nesse sentido, o projeto das oficinas surge na tentativa de ocupar esse lugar de falta. Para isso é necessário falar de sentimentos, como amor, solidariedade e empatia e pensar na questão da Cultura de Paz, utilizando as linguagens artísticas para que os jovens possam refletir sobre sua realidade, tornando-se futuros cidadãos politicamente críticos e reflexivos. Pois, segundo Augusto Boal: “Cidadão não é aquele que vive em sociedade, mas aquele que a transforma” (Boal, 2009)

Portanto, essa oficina utilizou o Teatro do Oprimido (TO), que é uma metodologia sistematizada pelo teatrólogo Augusto Boal, o qual é um instrumento de comunicação essencial

para promover discussões em diversas temáticas. A metodologia boaleana abrange todas as áreas da sociedade, sendo elas: sociais, culturais, políticas, pedagógicas e terapêuticas, além de estimular o autoconhecimento, o diálogo social, o qual propõe que o sujeito se torne cidadão em cena.

Esta pesquisa resulta do acompanhamento e análise das oficinas de Teatro do Oprimido, realizada pelo GESTO da Floresta, para os adolescentes do conjunto habitacional Cidade do Povo, através da metodologia de observação participativa, que se opera quando o pesquisador se insere no grupo que está estudando, participando ativamente das atividades e interagindo com os sujeitos da pesquisa. Eu estava como pesquisador e ao mesmo tempo como professor de teatro nas atividades.

O GESTO da Floresta, o Teatro do Oprimido e a Cultura de Paz:

A investigação da temática: Cultura de Paz e Ativismo Não Violento é uma nova proposta, que ainda encontra-se em construção e desenvolvimento por parte do Grupo de Estudo em Teatro do Oprimido - GESTO da Floresta, do qual sou membro desde 2020. O motivo de agregar essa proposta neste trabalho é que, como integrante do grupo, ao ouvir o Curinga e coordenador do GESTO da Floresta em alguns momentos abordando essa temática dentro do coletivo, despertou meu interesse. Outro ponto fundamental que me moveu a debuchar e aprofundar mais meus conhecimentos é que a temática escolhida para abordar no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi analisar a oficina de TO na Cidade do Povo e perceber quais opressões surgiram, e isso dialogava com minha proposta. Visto que, além dos princípios da Cultura da Paz trazer pontos semelhantes ao Teatro do Oprimido, muitas vezes o oprimido de tanto sofrer determinada opressão, acaba se tornando agressivo ao reagir às opressões que é submetido, empoderando assim o ódio e até agindo de forma mais radical.

O Teatro do Oprimido, a Cultura de Paz e Ativismo Não-Violento são teorias que dialogam, fazendo com que o sujeito reflita as opressões e crie estratégias para se libertar e quebrar os ciclos de violência, pensando em uma ética amorosa. Segundo Bell Hooks (2020) “não há medo no amor” já que algumas culturas dominantes e hegemônicas se apoiam no medo para garantir a

obediência. De acordo com a autora, falamos muito no amor e pouco no medo, pois essa ideia nos passa segurança. Porém, não nos indagamos o motivo de vivermos apavorados. Hooks conclui ainda que “quando escolhemos amar, escolhemos nos mover contra o medo, contra alienação e separação”, pois escolher amar é se conectar e se encontrar no outro.

Os princípios e teorias da Cultura de Paz foram desenvolvidas na Índia pelo ativista político Mahatma Gandhi, que buscava estratégias de ações políticas e sociais para resolução de conflitos de maneira pacífica, não violenta, diferente das que eram normatizadas na sociedade. Desse modo, na atualidade, esses estudos da Educação para a Paz estão disseminados por todo mundo em universidades, Organizações Não-Governamentais (ONGs) e por autoridades governamentais revolucionárias, constituindo-se como um dos principais alicerces desenvolvidos pela UNESCO. O foco desses estudos é romper as espirais de opressões e violências, e criar formas pacíficas de combater os conflitos sociais.

O coordenador do GESTO da Floresta, Flavio da Conceição, visualiza os conflitos sociais no Teatro do Oprimido afirmando que:

No Teatro do Oprimido usamos os conflitos sociais, através das encenações de situações de opressão, para que os sujeitos oprimidos compreendam os aspectos sociais e políticos, de desigualdade social e preconceitos que fortalecem os sentimentos de sofrimento e segregação social. Usamos o Teatro para compreender a realidade opressiva e se fortalecer no enfrentamento desses conflitos. O teatro serve como um ensaio para a revolução pessoal e social dos coletivos de oprimidos que participam de nossas atividades. Porém, assim como afirma Paulo Freire, muitas vezes o sonho do oprimido é se tornar opressor. Se os oprimidos não se libertarem da “sombra” internalizada dos opressores, que como hospedeiros se instalam na subjetividade desses indivíduos, a opressão não será combatida, mas fortalecida. O processo de libertação da alienação dos oprimidos deve ser contínuo, incentivando ações não violentas e que contribuam para uma sociedade justa para todos. Por isso, a inserção dos conceitos da cultura da paz e da não violência na metodologia do Teatro do Oprimido é muito importante para a complexificação e o aprofundamento da metodologia nos alicerces da ética, fraternidade e solidariedade e para o exercício na busca de uma sociedade sadia e feliz. Dentro dos estudos sobre Cultura da Paz e Não Violência estão inseridos muitas estratégias e ações concretas para o exercício da construção da paz como: círculos de paz/rodas de conversa, mediação de conflitos, jogos colaborativos, ativismo não violento, comunicação não violenta, entre outros. (Projeto aprovado no sistema da PROEX/UFAC)

Além disso, a respeito do histórico do GESTO da Floresta, o professor Flávio da Conceição (2022) no artigo *Reflorestando o Teatro do Oprimido*, texto que tem colaboração minha, relata que ao chegar no Acre em 2017, trazia uma perspectiva colonial, pensando em ensinar Teatro do Oprimido para os povos da floresta, que vivem isolados, ignorando os saberes dos ribeirinhos,

indígenas e da própria floresta como um organismo vivo. Nesse contexto, Da Conceição (2022) afirma que “é importante refletir que a opressão está dentro de nós e muitas vezes a reproduzimos. Não é porque faço Teatro do Oprimido, que não posso ser um instrumento de opressão e preconceito” (pág. 108). Nas nossas investigações abordamos a questão da complexidade humana, assumindo que o ser humano tem energias potenciais de criação, como também de destruição, ou seja “somos oprimidos e opressores”. (Da Conceição; Silva, 2022).

Nesse processo o autor relata que levou uma “peia da Floresta Amazônica”¹ ao tomar o chá do Santo Daime, nos rituais da Barquinha, fazendo com que ele chegasse a se questionar e até desacreditar de suas práticas com o Teatro do Oprimido. Essa lição adquirida pela vivência de Da Conceição (2022), abriu seu campo de visão para se colocar no lugar de aprendiz, como explica abaixo:

Entrei em contato com as comunidades do Acre e com os povos da floresta. Comecei a ouvir e observar mais do que a oferecer algum tipo de conhecimento. Coloquei-me no lugar de um aprendiz e não de um professor. Vivenciava as experiências com meus próprios alunos, conversava com as pessoas para tentar entender que lugar era aquele que me acolhia. No meu silêncio tentava ouvir as vozes da floresta. Então minha reflexão começou a ser: como o Teatro do Oprimido poderia ser afetado por esses conhecimentos tradicionais dos povos da floresta? (Da Conceição; Silva, 2022, p. 108)

De acordo com o orientador do projeto, a criação e trajetória do GESTO da Floresta inicia-se em 2018/2019 com a pesquisas de Iniciação Científica com o projeto Teatro do Oprimido no Acre - Histórico e Prática Contemporânea, onde investigou a arqueologia do método boaleano em terras acreanas. Dando continuidade no processo da pesquisa, em 2019/2020 as investigações tiveram um olhar mais voltado para o Teatro e a Estética do Oprimido num panorama mais complexo e holístico, analisando como conceitos e características subjetivas do Pensamento Sensível e Simbólico se apresentavam em manifestações artísticas de alguns grupos culturais de Rio Branco. Por conseguinte em 2020, em virtude da pandemia da Covid19, houve maior aprofundamento da pesquisa subjetiva, analisando os conceitos Oprimido/Opressor na metodologia do TO em diálogo com os conceitos de Luz/Sombra (Freire, 1976) e Sim-bólico/Dia-bólico (Boff, 1996).

¹ Na cultura nortista, peia é uma surra, uma coça. Nas tradições das religiões daimistas a peia é o momento de purgação das más condutas humanas. Essa purgação pode vir com visões espirituais perturbadoras ou com efeitos corporais desagradáveis como diarreia, vômito, choro, suor, tremedeira, etc.

Em 2021, os trabalhos foram abertos para a comunidade através dos Seminários e Laboratórios Artísticos do GESTO da Floresta, onde os jogos e exercícios foram testados, experimentados e apresentada as pesquisas e teorias desenvolvidas até aquele momento para os participantes, ainda neste ano o GESTO da Floresta deu início à pesquisa de PIBIC “A Árvore do Teatro do Oprimido, as Plantas Professoras e os Processos Pedagógicos do Gesto da Floresta”, com a perspectiva de “aprofundar os conceitos de plantas professoras e plantas de poder como mediadoras dos conhecimentos dentro das práticas artísticas”(Da Conceição, 2022).

As Oficinas na Cidade do Povo - Ampliando a visão sobre a Paz:

As oficinas de Teatro do Oprimido na Cidade do Povo foi um projeto de extensão criado pelo GESTO da Floresta, aprovado pela Pró-Reitora de Extensão e Cultura (PROEX) em parceria com a Secretária de Justiça Pública (SEJUSP) do Estado do Acre. O projeto em questão teve como objetivo ofertar oficinas de Teatro do Oprimido ao ar livre na comunidade Cidade do Povo, para adolescentes e jovens, ministradas pelos graduandos do curso de Artes Cênicas/ABI-Teatro, mestrando do PPGAC/UFAC e uma professora formada pelo nosso curso, que integram o GESTO da Floresta. As oficinas práticas tiveram duração de três meses, iniciando dia 02/09/2023 a 02/12/23.

O projeto foi divulgado em quatro escolas públicas do bairro, convidando os alunos do Ensino Fundamental e Médio para participarem das oficinas que eram realizadas aos sábados pela manhã das 09:00 às 12:00. A análise das imagens da oficina será feita a partir do Teatro Imagem, que é uma vertente do Teatro do Oprimido, que trabalha com a desmecanização dos nossos sentidos, não se prendendo apenas nas palavras.

Figura 1 – Equipe do GESTO da Floresta e SEJUSP na Abertura do Projeto.



Foto: Luiz Moura.

Na imagem 1 está a equipe do GESTO da Floresta com o coronel Atahualpa Ribeiro, representante da SEJUSP/Acre e indica o início da oficina de Teatro do Oprimido na Cidade do Povo no dia 02/09/2023. Esse dia foi a abertura do projeto com várias atrações, como o espetáculo: Matintas de Avós, com o grupo Brincantes de Histórias, apresentação de uma banda de dança de Hip-Hop, palestra do Coronel Atahualpa Ribeiro e apresentação da equipe da Secretaria de Justiça e Segurança Pública (SEJUSP) Acre, do GESTO da Floresta e um lanche coletivo para a comunidade.

Matintas de Avós é uma peça teatral encenada pelos estudantes do curso de mestrado em Teatro da UFAC, Rylary Targino, que interpreta a personagem Ritinha Envira, e Rafael Wöss, que dá vida ao brincante Zé Mucura. A encenação é de autoria do grupo Brincantes de História, composto pelos dois artistas. A peça resgata a ancestralidade das pessoas do Acre, trazendo a tradição da contação de histórias dos nossos avós, apresentando os seres da floresta, como a Matinta Pereira, o Curupira, o Saci Pererê, entre outros. Encenada pela personagem Ritinha que é uma criança

brincando pelo quintal e começa a contar as histórias que sua avó lhe contava sobre os seres encantados da floresta amazônica. Dialogando com seu amigo Zé Mucura e o público, Ritinha vai fazendo uma ciranda, uma brincadeira de roda que as crianças costumavam fazer, finalizando com a abertura para uma roda de contação de história.

O espetáculo é repleto de musicalidade, pois em vários momentos os personagens utilizam instrumentos como o pandeiro e o xequerê para contar/cantar as histórias. A peça resgata o processo de compartilhamento de histórias contadas e cantadas pelos mais velhos, oportunizando esse espaço de levantar memórias das pessoas que estão assistindo e já ouviram essas histórias e traz também a relação com os seres da floresta, com os animais e a floresta, percebendo nosso corpo também como natureza. O grupo Brincantes de Histórias, procura trabalhar esse processo, tendo os personagens Ritinha e Zé Mucura como disparadores desse campo de provocação.

Todo esse processo de contar histórias, valorizar a ancestralidade, os mais velhos e resgatar a memória sobre os seres encantados da floresta tem muita relação com o Teatro do Oprimido que acreditamos. O convite para esse grupo se apresentar na abertura do nosso projeto foi justamente para sensibilizar os participantes e a comunidade, mostrando que o teatro que íamos fazer era diferente da cultura hegemônica e mercadológica.

Imagem 2: Conversa com Keã Huni Kuin.



Foto: Luiz Moura

Neste dia, convidamos os indígenas Keã Huni Kuin e Txana Natu Huni Kuin, indígenas do povo Huni Kuin e que são moradores da Cidade do Povo, para ministrar uma palestra na nossa oficina de TO, realizada no Centro Comunitário da Cidade do Povo. Desse modo, nós professores/Curingas do GESTO da Floresta, sentamos com eles para conversar a respeito de ancestralidade, religião, cultura, ouvir histórias contadas por eles sobre o povo Huni Kuin e cantarem seu rezo.

Uma das histórias que me deixou fascinado foi a da descoberta da Ayahuasca, de acordo com a tradição Huni Kuin. Segundo Keã, um dos seus ancestrais certo dia saiu para caçar e chegando perto de um lago, viu que uma anta jogava Jenipapo (fruta que os indígenas usam para pintar o corpo) dentro do lago. A anta falava algumas palavras e uma cobra se aproximava transformando-se em uma bela mulher indígena e ambos faziam sexo. No dia seguinte, o indígena prende o animal e pergunta quais eram as palavras que ela falava. Então, ele se disfarça de anta e faz o mesmo ritual, de jogar jenipapo no lago e falar as palavras encantadas. Desse modo, a mulher aparece, mas percebe que não é o animal verdadeiro, então ele explica que achou ela muito bonita, por isso se disfarçou e assim os dois se relacionam sexualmente.

Ela transforma o indígena em uma cobra e o leva para o mundo dela, debaixo do lago e lá eles formam uma família com filhos. A mulher explica para o indígena que existe uma substância que permite que ela transite entre o mundo dos encantados e o mundo dos humanos e ensina o segredo de como fazer o *Nixi Pae* (Ayahuasca - o Vinho das Almas).

No mundo dos encantados também vivia um peixe chamado Bodó que, assim como a cobra/indígena, também transitava entre os dois mundos. Um dos filhos do indígena que havia ficado na aldeia, prende o bodó e descobre que ele tinha esse poder, então, o menino pede para que ele traga o pai dele de volta. Desse modo, o peixe ao regressar ao mundo dos encantos conta para o indígena que sua família da terra sente sua falta. O indígena pede para voltar para a terra e o bodó pede para ele subir nas suas costas e assim ele consegue retornar ao nosso mundo. Mas sua outra família, embaixo do lado, não fica nada satisfeita com a fuga do indígena. A mulher se transforma em serpente e mata o peixe Bodó, que ajudou o indígena a fugir.

Ao chegar na aldeia, o indígena revela o segredo do *Nixi Pae* (Ayahuasca) para toda a comunidade. O mito se encerra quando certo dia o indígena vai pescar e seus filhos do mundo

encantado, transformados em serpentes, picam os seus dedos e aquelas picadas se transformam em chagas que consomem todo o seu corpo o levando à morte.

Essa história, que é o mito de como os indígenas Huni Kuin descobriram a Ayahuasca, prendeu minha atenção, assim como as dos demais colegas. Nós do GESTO da Floresta, acreditamos em uma pedagogia decolonial, não antropocêntrica, onde podemos aprender não só com o ser humano, mas também com as plantas, como é o caso do Tabaco, Ayahuasca, Camomila e também com animais, como no caso da história indígena, o peixe Bodó o ajuda, ensinando o caminho de volta para casa. Desse modo, Da Conceição (2022) assinala que:

Nossa linha atual de estudo é tentar construir os alicerces dessa pedagogia, em que as plantas professoras, a cultura indígena e das comunidades afro, as bibliotecas vivas e o conhecimento com os mais velhos, as histórias e a ancestralidade dos povos da floresta, faria parte dessa epistemologia do Teatro do Oprimido, das florestas, a partir de uma cultura da Paz e não violência, tentando descobrir como o ser humano pode estar integralizado ao meio ambiente e não superior a ele” (Da Conceição e Silva, 2022, p.109)

Esse encontro foi importante, pois tanto o grupo formado pelos adolescentes, como nós equipe do GESTO da Floresta tivemos a oportunidade de conhecer a vivência do pajé e líder espiritual Keã Huni Kuin e do músico Txana Natu Huni Kuin, que estavam dispostos a nos ensinar e compartilhar conosco a respeito da tradição, das histórias e da cultura do seu povo. Os conhecimentos indígenas ainda são timidamente estudados nas Universidades. Também é importante observar que muitos indígenas saem de suas aldeias e vêm para cidade, e por falta de estrutura e apoio governamental vão morar nos bairros periféricos, onde muitas vezes se deparam com novos problemas sociais, como: vulnerabilidade social, xenofobia, intolerância religiosa, entre outras opressões.

O trabalho do Keã Huni Kuin e Txana Natu é muito rico, pois eles saíram de sua terra, residem em uma comunidade periférica e estão tentando resgatar sua cultura, seu canto, histórias e tradições, conhecimentos que muitas vezes, nesse processo de evasão territorial, se perdem. Há muitos relatos de indígenas que caem no alcoolismo, outros tipos de drogas ilícitas e os filhos são recrutados pela criminalidade. Sabemos que no Brasil existe uma guerra travada entre o crime organizado, a qual tem vitimado milhares de adolescentes, jovens e adultos. O que resta para muitas mães é chorar e o coração sangrar, por seus filhos negros e indígenas.

Figura 3: 2 Revelações de Santa Teresa (pais e filhos).



Foto: Luiz Moura

A imagem acima é do jogo: *Duas Revelações de Santa Teresa*, o qual possui as seguintes regras. O Curinga escolhe um tema, como por exemplo família ou pais e filhos, como foi o caso. As duplas definem os papéis, escolhendo quem vai ser o pai e quem vai ser o filho, e o local que vai acontecer a cena. Após essas escolhas os personagens se afastam e individualmente criam um roteiro mental do que vão fazer em cena. Destacando que precisa haver conflito e dois acontecimentos devem ser revelados em cena. Então entra o primeiro personagem em cena, escolhido pela dupla, o qual situa a plateia de onde está e o que está acontecendo, em seguida entra o segundo personagem. Após algum tempo de diálogo o Curinga intervém dizendo “Primeira Revelação de Santa Teresa”, algo é revelado pelo primeiro personagem e após a revelação a história continua. Após certo tempo, novamente o Curinga intervém, solicitando a “Segunda Revelação de Santa Teresa” e o segundo personagem revela algo que ninguém sabia, que também muda o enredo da improvisação

Nesse dia com a temática de pais e filhos, surgiram temas de opressões bastante complexas como homofobia, gravidez na adolescência e traição entre casais. Na fotografia eu apareço representando o papel de um filho que havia viajado para o exterior para trabalhar e ao retornar

encontro com meu pai em um bar bebendo. Ao encontrá-lo começamos a conversar sobre minha viagem e o curinga pediu a primeira revelação e eu revelei que quero ser uma travesti. Ele se mostra um pai muito machista, conservador e homofóbico. Após continuar o diálogo, passado alguns minutos, recebemos o pedido da segunda revelação e o pai completamente aborrecido, revela que houve um incesto dentro da nossa família. Daí o conflito ficou acirrado e ele me expulsou do bar não me aceitando como filho.

As outras duplas trouxeram temáticas diversas como gravidez na adolescência, traição dentro da própria família, que foram discutidas coletivamente nos encontros posteriores. É válido dizer que esse foi o primeiro jogo trabalhado com diálogo, já que em todos os encontros anteriores priorizamos os jogos mais sensoriais de imagens e sons.

Esse jogo de improvisação e criação de personagens foi importante pois, através das temáticas levantadas pelos jovens, conseguimos ter um pouco de noção de algumas opressões que eles queriam abordar. Muitos deles relataram que as temáticas que foram trazidas nas cenas são casos de pessoas conhecidas ou até mesmo de familiares. Portanto, através das encenações apresentadas e das discussões realizadas, eles conseguiram perceber que isso é uma realidade. Uma adolescente do grupo comentou que se uma moça da sua idade engravida, muda toda sua vida, pois às vezes o pai da criança não quer assumir a responsabilidade, deixando toda carga para a mãe da criança. Os adolescentes também notaram que existem pessoas que são machistas e homofóbicas, a partir das cenas, e conseguimos refletir sobre formas de lutar contra esse preconceito. Foi um exercício para pensar na realidade de outro ponto de vista, tornando-se solidários, pois se colocaram cenicamente nos lugares dessas outras pessoas, pois segundo Che Guevara “ser solidário é correr o mesmo risco que o outro”.

Muitos foram os aprendizados com os adolescentes da Cidade do Povo, pois eles tinham um senso bastante crítico, muito observadores e inteligentes. O professor e Curinga Flávio da Conceição sempre afirma que, para adentrar em determinado ambiente para abordar questões delicadas, é preciso ter cuidado e sensibilidade, pois como já foi mencionado somos oprimidos/opressores e o colonialismo nos deixou inúmeras marcas e cicatrizes como formas de opressão. Assim como também afirma Luiz Rufino:

Racismo/colonialismo/colonialidade marcam o nosso tempo. A raça e seus contratos de dominação (Mills, 2008) são os fundamentos alicerces da lógica colonial, perpetram a morte, aniquilamento, desencanto e humilhação. A colonialidade é uma espécie de

marafunda e carregado colonial (Rufino, 2017, 2016), ela opera como um sopro de má sorte que mantém o assombro e a vigência de um projeto de dominação nas dimensões do ser/saber/poder. (Rufino, p. 71, 2018)

Em um determinado dia da oficina fizemos vários jogos com a energia da serpente² guiando as atividades. No final da oficina fizemos o círculo de reflexão e para fechar a atividade o Curinga convidou os participantes a agradecerem a Jiboia, aos seres da floresta, as plantas e a todas as energias que tinham nos guiado nesse encontro. A energia da jiboia estava guiando o processo, pois para o povo Huni Kuin ela é um animal sagrado, assim como vimos no mito da criação da Ayahuasca. Até que uma adolescente se incomodou e afirmou que temos que agradecer somente a Deus. Flavio concordou com ela e disse que iríamos agradecer a Deus, pois ele criou todas as energias que estava presente no espaço.

É possível observar que a frase dessa jovem é carregada de sentido, dando pista de um racismo religioso, pois vivemos em uma sociedade conservadora, racista, homofóbica, machista, patriarcal e baseada numa religiosidade cristã hegemônica. De acordo com o IBGE³, o Acre é o estado mais evangélico do país, mesmo sendo precursor das religiões que consagram o chá da Ayahuasca e outras medicinas da floresta. Será que se o Curinga sugerisse agradecer a Exu, para abrir nossos caminhos, que é uma entidade das religiões de matrizes africanas, ou qualquer outra divindade fora da tradição cristã não seria criticado ainda mais? Por isso o trabalho do GESTO da Floresta é como o das formiguinhas, passo a passo, sem cessar, mas com cuidado e sensibilidade.

² Fizemos a sequência de jogos: Aquecimento da Cobra, Serpente de Calcutá e Cobra de Vidro.

³ Os dados do Censo Demográfico 2022 sobre religião, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - verificar em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2025/06/06/censo-2022-evangelicos-catolicos-acre.ghtml>

Figura 4: Jogo Máquina de Ritmo.



Foto: Flavio da Conceição

Nesse encontro fizemos o jogo Máquina de Ritmo, que consiste em um participante ir para o centro do espaço e fazer um som e movimento contínuo, passando a ideia de uma engrenagem ou peça de uma máquina. Entretanto, o som e movimento não pode ser o mesmo de uma máquina real, mas podem usar a criatividade para criar um novo som e movimento.

No primeiro momento, fizemos apenas o jogo em si para entenderem, e em seguida, nosso Curinga colocou algumas temáticas, perguntando para os jovens: como seria a máquina do Amor? Muitos deles trouxeram sons e movimentos leves, suaves e flexíveis. Logo após, ele deu o mesmo comando, no entanto, com a temática do Ódio. Rapidamente os jovens produziram a máquina do ódio e trouxeram sons e movimentos bem fortes, rígidos e pesados.

Depois criaram a máquina da Cidade do Povo. Essa máquina se tornou ainda mais pesada e violenta do que a máquina do ódio, pois era um cenário de verdadeiro caos e guerra. Pessoas matando as outras, outras tirando fotos daquela violência e muitos curiosos tentando olhar a desgraça estampada nas ruas da comunidade.

Depois de uma reflexão coletiva, falando sobre o que os jovens percebiam com os movimentos e sons apresentados na máquina, o Curinga pediu para que criassem uma máquina idealizada, de como eles gostariam que fosse a Cidade do Povo. Então surgiu uma máquina muito

bonita de pessoas ajudando as outras, com alimentos e mantimentos, outras estudando em grupo, conversando e vivendo harmoniosamente. No final do encontro, ao perguntarmos o que eles acharam da máquina ideal, eles perceberam que foi necessário criar uma máquina que tivesse projetos e pessoas ajudando umas às outras, visto que, na Cidade do Povo não existem ações sociais com esse intuito e enfatizaram que nosso projeto têm sido uma dessas iniciativas.

Desse modo, pode-se afirmar que o jogo: Máquina de Ritmo, do Livro: Jogos Para Atores e Não-Atores, de Augusto Boal, além de ser o jogo colaborativo e dinâmico, trouxe grande impacto para os adolescentes e jovens, pois conseguiram ver a realidade em cena, pensando na possibilidade de transformar o futuro. Como Boal afirma: “cidadão não é aquele que vive em sociedade, mas aquele que a transforma [...] o ato de transformar se torna transformador” (Boal, 2009).

É importante ressaltar que a naturalização da violência por parte da mídia e o que os participantes representaram no jogo é bem contundente, já que os veículos de comunicação filma e retratam o bairro só a partir das lentes da criminalidade e da violência. A mídia não abre espaço para ações sociais como a que fizemos na Cidade do Povo. Um exemplo a ser citado foi na abertura do projeto, onde convidamos jornalistas para a cerimônia, que estiveram presente, mas não houve interesse em fazer uma reportagem falando da proposta na comunidade. Será que se fosse a notícia de mais um homicídio, a equipe de reportagem não teria realizado uma matéria completa? Desse modo, nota-se que por causa da escassez de ações sociais, a desvalorização das entidades que realizam trabalhos na comunidade e devido às notícias que são veiculadas através dos noticiários que alimentam o imaginário das pessoas dos outros bairros, a discriminação do bairro é reforçada pela cultura do medo.

Figura 5: Jogo: Tigre Indiano.



Foto: Luiz Moura

Na imagem acima o grupo está jogando Tigre Indiano, o qual é uma variação do jogo: Batatinha Frita 1,2,3 desenvolvida pelo GESTO da Floresta. A variação desse jogo é um exemplo de diferenciação entre jogos competitivos e colaborativos, pois em ambas as atividades, uma pessoa se posiciona do outro lado dos demais participantes que tentam chegar até ela e tocá-la, sem ser visto. Em Batatinha Frita 1,2,3, a pessoa que está à frente fala “Batatinha Frita 1,2,3” e olha para trás. Se algum dos participantes for visto se movendo, ele sai do jogo. Tal regra estimula a punição e competitividade, pois excluir um participante do jogo é uma forma de castigo. Já no Tigre Indiano, não existe essa contagem, nem essa forma de punição. De segundo em segundo quem está na frente vai olhar para trás e se ver alguém se movimentando, a pessoa deve voltar ao início do trajeto. Os jogos do Teatro do Oprimido sempre estimulam a colaboração, a solidariedade e a empatia. A respeito da competição, Terry Orlick, no livro: *Vencendo a Competição*, afirma que:

Em nossa própria cultura somos sitiados pela Competição. Recompensados os vencedores e rejeitados os perdedores. Nosso sistema educacional é baseado na competição. Não ensinamos nossas crianças a amarem o aprendizado; nós as ensinamos a se esforçarem para conseguir notas altas. Não ensinamos as crianças a amarem os esportes; nós as ensinamos a vencerem. (Orlick, 1978, p. 19)

Em nossa sociedade somos estimulados a competição e não colaboração, entretanto, de acordo com Terry Orlick, afirma que “desde da origem dos organismos unicelulares” existe uma mistura de muita “cooperação e competição limitada, tanto dentro da espécie, como entre elas”. Porém existe um impulso predominantemente biológico e mais relevante para o crescimento social e biológico de todas as criaturas vivas, que é a cooperação. Por conseguinte, o autor assinala que a sobrevivência das espécies depende do aperfeiçoamento de sua “capacidade de cooperação mútua”. Enfatizando que a “lei básica da vida é a cooperação” (Orlick, 1978, p. 22).

Portanto, trazer o jogo do Tigre Indiano e compará-lo com o da Batatinha Frita 1, 2,3, foi importante para realizar uma distinção entre ambos jogos e fazer essa exemplificação entre jogos colaborativos e competitivos. Desse modo, como foi mencionado o processo de competição tem sido algo criado pelo homem, para oprimir, gerar lucro e explorar o outro, considerando que a sociedade está completamente imersa nesse processo, pois o objetivo do capitalismo é gerar lucro a qualquer custo, nas escolas, empresas e nos espaços sociais o sistema gera essa competição.

Figura 6: Finalização das oficinas da Cidade do Povo.



Foto: Luiz Moura

A imagem acima é do grupo formado na Cidade do Povo, juntamente com o núcleo do GESTO da Floresta, conhecendo os espaços da UFAC, no Teatro- Laboratório, em um dos cenários criados na disciplina de Cenografia. Na finalização do projeto: O GESTO DA FLORESTA NO FORTALECIMENTO DA CULTURA DA PAZ, nesse último encontro do nosso trabalho, pensamos em fazer uma atividade diferente das cerimônias que acontecem na maioria dos processos, que costuma ser uma apresentação artística e palestras das instituições envolvidas no projeto.

Primeiramente, conversamos com antecedência com o grupo para saber se eles já haviam visitado a Universidade Federal do Acre (UFAC) e a maioria dos adolescentes e jovens disseram que não. Outros disseram que apenas passaram pela frente da universidade de ônibus, mas nunca entraram. Então perguntamos se eles tinham desejo de conhecer a UFAC e responderam que sim. Desse modo, com o apoio da SEJUSP Acre, conseguimos uma van para buscá-los da Cidade do Povo até a UFAC. Então, apresentamos nosso Bloco de Teatro, realizamos jogos com eles nas salas do nosso curso, fizemos uma atividade lúdica no Parque Zoobotânico (PZ) e um lanche coletivo.

Essa finalização foi muito importante porque a UFAC é a única universidade pública do Estado do Acre e é triste saber que adolescentes e jovens que estão cursando o Ensino Médio, em escolas públicas, nunca tiveram acesso a essa instituição. Nesse processo de encerramento, nosso Curinga Flavio da Conceição, no decorrer da visita, relatou que o curso de Teatro não é só para quem almeja ser ator, pois dentro do curso existe a possibilidade de escrever texto, sendo dramaturgo, figurinista, maquiador e diretor para os que se consideram tímidos. Portanto, assim como eu, jovem preto, favelado e pobre, eles têm a possibilidade de fazer qualquer curso de nível superior, nesta universidade, considerando que para a transformação do ser humano, da sociedade e do mundo, a educação é fundamental, pois de acordo com Paulo Freire “a educação não transforma o mundo, a educação muda pessoas, pessoas transformam o mundo” (Freire, 2014).

Conclusão

Conclui-se que a realização da oficina de Teatro do Oprimido, a qual é o objeto de pesquisa deste trabalho foi extremamente importante, tendo em vista que, no contexto social foi uma porta que se abriu na Cidade do Povo. Por ser um conjunto habitacional afastado do centro de Rio

Branco e ter o estigma de perigoso, sofre muita discriminação, tanto por parte das pessoas de fora que conhecem o bairro apenas pelas notícias ruins que são vinculadas pelos jornais, como pelas autoridades governamentais. Esse preconceito afeta muito a vida das crianças, adolescentes e jovens, pois não existem projetos voltados para a juventude, abrindo margem para a criminalidade recrutar. Desse modo, esse trabalho serve também como incentivo para o Poder Público observar com mais atenção, que existe uma população que necessita de um olhar atencioso. É importante ressaltar que, o trabalho das oficinas não consegue dar conta de resolver todas as demandas, até porque o tempo foi curto, sendo apenas uma vez por semana, aos sábados, tendo apenas 3 horas de duração, pouco investimento, entre outras dificuldades. Mas nós do GESTO da Floresta conseguimos realizar essa ação, inclusive, os jovens trouxeram temas de diversas opressões, com isso, quebramos o tabu, que muitas pessoas diziam que os criminosos não permitiam desenvolver ações culturais na Cidade do Povo.

Já no meu processo de pesquisa e formação acadêmica no campo da investigação, mesmo o racismo não se manifestando nas oficinas, que era a opressão que eu gostaria de abordar e me aprofundar, conseguimos ver outras formas de opressões como: homofobia, gravidez na adolescência, patriarcado e traição. Considerando que nós organizadores das oficinas, do núcleo GESTO da Floresta, conversamos muito sobre qual seria a melhor forma de estimular os jovens da Cidade do Povo a falarem das opressões que eles queriam, sem induzi-los em uma temática que tínhamos interesse em pesquisar.

No meu processo de formação como futuro professor de Teatro, consegui mediar alguns jogos durante nossos encontros e isso foi bem interessante, pois às vezes conversando com os outros Curingas eles relataram que aplicavam os jogos de outra forma, ou que não sabiam que era possível realizar daquela maneira. Bem como, às vezes, ao observar os outros Curingas mediando, notava que esse mesmo processo acontecia comigo. A respeito do tema: Cultura de Paz e Ativismo Não-Violento, conseguimos através dos jogos discutir muitas questões sobre violência e paz com os participantes, inclusive criamos até a Máquina da Cidade do Povo, através do Jogo: Máquina de Ritmo. Além disso os estudos teóricos de Terry Orlick, no seu livro: Vencendo a Competição, sua teoria de Educação para Paz, traz pontos em comum, com o Teatro do Oprimido, visto que o autor relata a importância da colaboração, se pronunciando contra o meio de produção e

competitividade em que as indústrias e o capitalismo visam, afirmando que a produtividade gera uma cultura de violência e competição. Ele relata que a competitividade não é algo da natureza humana, mas criado pelo homem, pois existiam aldeias, em culturas antigas, que adotavam a Cultura de Paz e não violência, desse modo, esses povos evoluíram muito mais do que outras que pregavam a competitividade e violência.

Outro ponto relevante neste trabalho é que, em muitos momentos me vi naqueles alunos, principalmente na finalização das oficinas, pois eles visitaram a Ufac e acharam um lugar incrível. Talvez para eles, eu possa ser visto como um espelho, em que é possível vencer na vida com o trabalho árduo, visto que sou preto, morador de bairro periférico, estudei em escola pública e também vivo em condições de vulnerabilidade social. Entretanto, nunca deixei de acreditar que, com meus esforços conseguiria ingressar em uma Universidade pública, concluir um curso de graduação e vencer na vida. Portanto, é necessário que a Universidade Federal do Acre invista em mais projetos como este do GESTO da Floresta, para comunidades pobres, com intuito de tirar adolescentes e jovens da ociosidade e fazer trabalhos que possibilitem os participantes a pensar em transformar sua realidade, pois se a educação não resgatar esses adolescentes e jovens, que são o futuro do Brasil, a criminalidade recruta, como já existe uma guerra travada entre facções criminosas, vitimando milhares de adolescentes e jovens. Pois eu acredito que podemos vencer essa guerra com a arte e a educação, pois eu sou fruto da educação pública e fui salvo pela arte.

Referências

- BOAL, Augusto. Jogos para atores e não atores. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 347.
- BOAL, Augusto. A Estética do Oprimido. Funarte, Rio de Janeiro: Garamond. 2009. p. 256
- BOAL, O Arco-Íris do desejo: Método Boal de Teatro e Terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 220.
- BOFF, Leonardo. O Despertar da Águia. 12ª ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, 216p.
- CONCEIÇÃO, Flavio da. A Estética de Boal: Odisseia pelos sentidos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mundo Contemporâneo, 2018. p. 120.

CONCEIÇÃO e SILVA, Flavio da, Valdelei Oliveira da, Reflorestando o Teatro do Oprimido. v.10 n. 1 e 2 - Escola Superior de Artes Célia Helena, Revista Olhares. 2022. p.108-109.

CONCEIÇÃO, Flavio da. O Curinga como dinâmica nos processos artísticos, políticos e pedagógicos do Teatro do Oprimido. Rio de Janeiro: UNIRIO, Tese de Doutorado, 2016. p. 205.

CONCEIÇÃO, Flavio da. Projeto de Extensão – Gesto da Floresta na Cidade do Povo, 2022. p. 06.

FERREIRA, Edmilson. Atlas da Violência 2019 expõe violência crescente no Acre. AC24Horas: 05 de junho de 2019. Disponível em <https://ac24horas.com/2019/06/05/atlas-da-violencia-2019-expoe-violencia-crescente-no-acre>.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 1. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, recurso digital, 2014. p. 112.

HOOKS, Bell. Tudo Sobre o Amor: Novas Perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020. p. 38.

ORLICK, Terry. Vencendo a Competição. São Paulo, Brasil: Círculo do Livro S.A, 1978. p. 211.

Artigo submetido em 27/05/2025, e aceito em 30/07/2025.